



# GLOBALIZAÇÃO:

## IMPACTOS E CONSEQÜÊNCIAS NO MUNDO DO TRABALHO

---

Marco Antônio Vieira Gomes

---

No Brasil, a abertura econômica e o baixo crescimento econômico produzem taxas recordes de desemprego. As mudanças nas estruturas organizacionais e as transformações na organização do processo de trabalho, em escala mundial, agravam ainda mais a situação e alteram profundamente o mercado de trabalho.

O avanço tecnológico, principalmente da informática e da automação do setor industrial e, também, do setor de serviços, contribui para agravar esse quadro.

Para o trabalhador, as opções e alternativas estreitam-se, e a competição torna-se, cada vez mais, acirrada. Um número enorme dos chamados direitos adquiridos e mecanismos de pro-

teção nas relações de trabalho está sendo questionado e colocado em xeque.

Entretanto, a principal causa do desemprego, para a Organização Internacional do Trabalho (OIT), não é a inovação tecnológica e o comércio internacional. Para a entidade, o grande vilão é a ausência de crescimento econômico.

---

***A ausência de crescimento econômico e as mudanças na organização do processo de trabalho, dentre elas, a globalização, são importantes causas do desemprego.***

---

A abertura econômica aos produtos

importados, que virtualmente eliminou setores ínteiros da indústria nacional (um bom exemplo é o segmento têxtil e de vestuário), bem como a perda da capacidade de investimento e de geração de empregos, ampliou e amplia o desemprego no Brasil.

Os anos 90 (Governo Collor), para o Brasil, marcam o fim da capacidade de gerar ocupações para as novas gerações que chegam ao mercado de trabalho, e mostram o crescimento do desemprego em todas as regiões do País. Com FHC, o quadro se agravou terrivelmente.

Acrescentem-se essas causas à reestruturação organizacional das empresas, ou seja, privatização, redução de níveis hierárquicos, novas tecnologias de gestão, terceirização, profissionais polivalentes (cargos amplos) e trabalho em tempo reduzido ou parcial (part time). Uma das razões é que as empresas sobreviventes tiveram de fazer diversos ajustes para elevar a produtividade e, dessa forma, competir com o *product import*, resultando daí mais e mais corte de pessoal.

Outro fator relevante foi a introdução de novas tecnologias e sistemas de produção e de serviços. Em alguns setores da economia, os impactos foram devastadores. Somem-se esses

fatores ao baixo nível educacional e de capacitação profissional dos trabalhadores brasileiros. Os efeitos perversos da modernização poderiam ser minimizados se o Brasil estivesse crescendo, pois o investimento em tecnologia não aumenta o desemprego se a economia está crescendo. A robotização na fábrica da Volkswagen em Taubaté/SP gerou empregos.

---

### ***A modernização tecnológica cria e destrói empregos ao mesmo tempo.***

---

O setor da construção civil no período de 1992 a 1997, segundo o estudo feito pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) sobre o impacto da modernização na indústria brasileira, foi o que mais desempregou. Coincidência ou não, foi o setor que menos investiu em tecnologia.

Ainda de acordo com o estudo do CNI, o setor de telecomunicações foi o que mais investiu em tecnologia e o que menos desempregou no mesmo período.

Então a tecnologia não gera o desemprego? Não é bem assim, de acordo com um estudo da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), concluiu-se que a tecnologia cria e destrói empregos ao mesmo tempo.

Há uma dependência do local observado e do ambiente econômico em que é aplicada, isto é, no local em que é empregada, a tecnologia desemprega automaticamente, mas pode gerar novos postos de trabalho no processo global.

Um exemplo é a linha de montagem da Volkswagen, onde, na soldagem, o robô desemprega, mas cria empregos na montagem final, porque mais carrocerias estão sendo montadas e mais carros produzidos.

O movimento simultâneo de criação e destruição de empregos pela tecnologia não é novo nem foi resultado do barateamento dos computadores ou da expansão do uso da informática. A tecnologia cria emprego quando aumenta a produtividade, pois há o repasse para o consumidor com a queda do preço, e o mercado se expande, gerando novas oportunidades de negócios. Até janeiro de 1999 (antes da desvalorização do real), outros complicadores existentes no Brasil eram a taxa de câmbio muito valorizada e as altas taxas de juros, que acabavam por tornar mais viável importar máquinas, equipamentos e produtos do que comprá-los de fabricantes nacionais.

Para o deputado Delfim Neto (ex-ministro da economia), o câmbio valorizado é uma das causas do desemprego e representa um erro fundamental, que impede o crescimento

econômico. Para o economista e deputado, é imperioso o crescimento das exportações entre 10 e 12% ao ano. Apesar de tudo, e sendo uma questão fundamental, somente o crescimento econômico não basta para resolver o problema do desemprego no País, pois a década de 90 também piorou a qualidade das ocupações (informalidade e precarização do emprego).

---

***O crescimento econômico pode aumentar empregos, mas não garante a qualidade de vida nos postos de trabalho.***

---

O economista Márcio Porchmann, professor da UNICAMP, afirma que "o Brasil está caminhando para o pior de dois modelos: desemprego em níveis europeus e um mercado de trabalho mais flexível do que o norte-americano". Em inglês, francês, espanhol, alemão ou japonês, o enfraquecido movimento sindical entoava uma única canção: trabalhar menos para que todos possam trabalhar, ou seja, é a reivindicação da redução da jornada de trabalho para 35, 32 ou 30 horas semanais.

Entretanto, alguns especialistas brasileiros e estrangeiros concordam que não há evidências de que a redução da jornada de trabalho reduza também o desemprego. Uma outra alternativa é o part time, isto é, o trabalho em tempo parcial, com salário correspondente à

jornada fixada, o qual tem apresentado resultados satisfatórios em alguns países, como é o caso da Holanda.

O economista Martin Carnoy, professor da Universidade de Stanford, na Califórnia (EUA), afirma que a causa do desemprego no Brasil deveria ser procurada na política econômica: o problema no Brasil é manter, a qualquer custo, a inflação baixa. Para manter o índice de inflação baixo, tem de se restringir a economia. Isso significa que se vai criar mais desemprego via recessão.

Outra causadora do desemprego, para Carnoy, é a política de privatizações. "Se há empresas sendo privatizadas, então há empregos sendo destruídos, porque, provavelmente, essas empresas empregavam mais do que deviam". O investimento prioritário em educação no Brasil é outra questão fundamental colocada pelo Professor Carnoy.

O atual exército de mais de um bilhão de pessoas sem emprego no mundo, ou seja, desempregados, conforme dados da Organização Internacional do Trabalho - OIT -, reforçam os temores de uma crise global de emprego.

A questão central que se coloca é como resolver a questão do desemprego a partir de dados que o mundo todo apresenta, isto é, muito mais e melhores produtos com muito menos

gente? Em um ponto há convergência: a principal causa do desemprego é a velocidade do crescimento da economia.

De acordo com a atual política neoliberal do Governo FHC, aliada a um quadro econômico sem crescimento, a tendência é, em curtíssimo prazo, o colapso global do trabalho e a eferescência social.

---

**Marco Antônio Vieira Gomes é**  
**Consultor Empresarial, professor da**  
**Face-Fumec e Mestre em**  
**Administração.**

E-mail: [summus@stinet.com.br](mailto:summus@stinet.com.br)

---